

## AS MUDANÇAS DA PAISAGEM URBANA CONTADAS PELOS VELHOS CIDADINOS

### THE CHANGES OF THE URBAN LANDSCAPE TOLD BY OLDER TOWNSPEOPLE

*Rita de Cássia Almeida<sup>1</sup>*

*Denise de Freitas<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Presencia-se uma época de importantes impactos socioambientais decorrentes da afirmação do modo de vida urbano. Nota-se também dia a dia a rápida e impactante modificação da paisagem com intensidades, particularidades e efeitos diversos, tanto de caráter global quanto local. São Carlos, município localizado na região centro-norte do estado de São Paulo, sofre com as rápidas e deletérias mudanças em sua paisagem local. Pela rapidez das modificações na paisagem, os mais jovens não a reconhecem como parte integrante de sua história, ao contrário dos velhos cidadãos que a conheceram de outrora e percebem as rápidas mudanças a ela impostas. A memória de antigos moradores sobre a ocupação urbana das mais importantes microbacias hidrográficas do município de São Carlos está subsidiando a elaboração de um Atlas Socioambiental que será distribuído às escolas públicas do ensino fundamental e este artigo decorre da escolha de três microbacias hidrográficas dentre as catorze pesquisadas. No final desse trabalho, identificou-se que os depoentes percebem e relatam as modificações sofridas pela paisagem. Esses relatos proporcionaram um retrato da ocupação urbana de alguns bairros do município circunscritos a três importantes e extensas microbacias hidrográficas; o que traz uma perspectiva mais abrangente de como foi configurada a paisagem urbana atual ao longo dos últimos 50 anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória da paisagem. História oral. Relatos orais. Ocupação urbana. Recursos hídricos.

**ABSTRACT:** One is witnessing a time of important socio-environmental impacts arising from the affirmation of the urban lifestyle. One also notes a fast and impacting day-to-day landscape change with intensities, particularities and effects divers, both globally and locally. São Carlos, a city located in the central north region of the state of São Paulo has suffered with the fast and harmful changes in its local landscape. Due to the speed these changes occur, the younger generations cannot recognize this landscape as an integral part of their history. On the contrary, the old city's residents who knew the past landscape and perceive the quick changes it has gone through, identify and reflect them in particular shape. The memory of the elders on the occupation of the most important urban watersheds in the municipality of San Carlos is subsidizing the development of an Environmental Atlas will be distributed to public primary schools and this article with the choice among then three watersheds studied fourteen. At the completion of this work it was found out that the old city's residents show a narrow link with their location, perceiving and reporting the changes in the landscape. These reports provide a picture of the urban occupation in some sections of the city limited to three major and extensive hydrographic watersheds; which brings a more comprising perspective on how the current urban landscape has been configured in the last 50 years.

**KEYWORDS:** Landscape memory. Oral history. Oral reports. Urban occupation. Water resources.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental. Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. E-mail: rcalmeida45@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. E-mail: dfreitas@ufscar.br. Pesquisa realizada com apoio parcial do CNPq.

## Introdução

Nos últimos tempos, assistimos, em todo mundo, a imposição de um modelo de desenvolvimento com a afirmação do modo de vida urbano. Todavia, esse modelo vem provocando importantes efeitos negativos ao ambiente, particularmente à paisagem urbana.

O interior paulista, ao desenvolver-se sob esse mesmo modelo, também sofre com as consequências ambientais decorrentes. São Carlos, município localizado na região central do Estado, está entre os receptores de investimentos industriais e migrantes e padece com a crescente e intensa ocupação urbana e a consequente modificação de sua paisagem, além da degradação de seus cursos d'água urbanos, resultante, como no geral, da ausência de uma política urbana sustentável.

É por meio das memórias dos velhos cidadãos que se retrata neste artigo a configuração da paisagem antiga de três importantes microbacias urbanas e as intervenções que provocaram essas mudanças. Além disso, obtiveram-se os usos perdidos pelos cursos d'água, tributários dessas microbacias; decorrência do impacto negativo a que foram submetidos durante o processo de ocupação.

Igualmente, recupera-se como se deu o processo de urbanização da cidade do ponto de vista dos sujeitos que realmente participaram dele. Esse artigo valoriza a memória dos velhos, mostrando que os relatos orais são registros importantes para a recuperação da memória da paisagem e para a detecção de impactos ambientais.

### **O processo de urbanização do município de São Carlos: brevíssimo histórico**

No município de São Carlos, é a partir da década de 1950 que o crescimento industrial se torna mais acelerado e registra um expressivo crescimento da população urbana, agravado pela falta de incentivo para a população rural permanecer no campo. Em decorrência dessa urbanização acelerada, a paisagem é intensamente incorporada ao urbano de forma cada vez mais impactante. Sendo que as décadas de 1950 e 1960 foram as responsáveis pelo maior crescimento urbano na direção noroeste e nordeste da cidade e a partir dos anos de 1970 e 1980, a evolução do traçado urbano atinge a sua região sudeste. Essa evolução se deu sem nenhum planejamento, o que ocasionou a mudança brusca da paisagem e todo o ecossistema a ela agregada, especialmente os recursos hídricos (ALMEIDA, 2001).

A modificação da paisagem na proximidade dos cursos d'água, ou seja, a retirada de mata ciliar, e a impermeabilização do solo, aliadas ao lançamento de despejos domésticos e industriais tornaram o aproveitamento dessas águas impróprio para abastecimento humano, sem o tratamento adequado, afirma Sé (1992). O autor indica como possíveis causas dos impactos ambientais decorrentes da urbanização, especialmente aqueles sentidos pela paisagem dos setores noroeste, nordeste e sudoeste da cidade entre as décadas de 1950 e 1970: a) o processo de ocupação do espaço, que passa pelo desmatamento excessivo, pela agricultura intensiva com o empobrecimento do solo, culminando com o acelerado processo de expansão urbana; b) a ausência de um programa de tratamento de resíduos pelas indústrias em seu processo de expansão, além da ausência do tratamento de esgotos domésticos. Hoje esse processo deletério está sendo minimizado com o início do funcionamento da Estação de Tratamento de Esgoto em 2008, o que está proporcionando a melhora gradativa da qualidade da água dos cursos d'água, especialmente os urbanos.

Ao se recuperar os quadros sociais da memória local, ou seja, valorizar o relato do velho cidadão são-carlense pode-se obter uma visão mais abrangente dessas questões. As mudanças na paisagem são percebidas e capturadas pela memória de uma forma totalizada, isto é, as transformações vivenciadas não são armazenadas em compartimentos, como normalmente são encaminhados os trabalhos que utilizam outras fontes de dados. Refletir sobre as relações que a sociedade em geral (comunidade, poder público, setor econômico etc.), teve com o ambiente é um meio para repensar

atitudes e encontrar formas de recuperação e de preservação das paisagens, além de acrescentar novas dimensões àquelas que a historiografia ora tem registrada. Reescreve-se assim uma história abrangente, baseada não somente em informações armazenadas em documentos, mas recuperada da memória que resiste ao tempo, promovendo a interação com o saber científico para na busca da construção de uma relação dialógica.

### **A detecção de um padrão de desenvolvimento urbano e dos impactos decorrentes por meio da memória coletiva**

Na memória, a paisagem fica marcada pelas ações e pelos processos históricos de uma sociedade. Na paisagem encontram-se as marcas significativas da evolução histórica da sociedade, reconstruindo assim o espaço, nos fixos e fluxos que já se foram. Moreira (1993) diz que pela memória passa todo o filtro do tempo e, portanto, por meio dela se pode (re)ler fatos históricos. Como pesquisa-se em arquivos documentais ou em computadores, a memória dos velhos é uma fonte de consulta que tem a vantagem de ser a consciência da sociedade confrontada com dados obtidos de outra forma, ou seja, sem a reflexão de uma fonte viva e partícipe da história.

Os cidadãos guardam na memória a forte ligação com o seu lugar, as suas lembranças estão enraizadas no seu espaço, na sua paisagem habitual (BOSI, 1994; CAVALCANTI, 2009; HALBWACHS, 1990; MACHADO, 2003; ROCHA & ECKERT, 2009; SANTOS, 2003) e a lembrança das modificações pelas quais passou a paisagem continua viva, preservada em sua memória, na memória de seu grupo.

Nos dias atuais, a destruição de prédios e ruas e a mudança da paisagem de um bairro são rápidas e deletérias e, na maioria das vezes, experiências dramáticas para os seus cidadãos que conservam a possibilidade do relato dessa história de transformação. No dizer de Rocha e Eckert (2009), a memória de uma cidade é vivida na vida diária das ruas e praças e recuperar os roteiros dessas memórias como espaços de representações da vida coletiva de uma cidade significa colocá-los no bojo da própria origem do seu patrimônio ambiental e cultural.

Esse processo de veloz modificação da paisagem tem sido cada vez mais impactante e o interior paulista, ao desenvolver-se com base nesse modelo está às voltas com as decorrentes consequências ambientais. O município de São Carlos é um dos que, sendo receptor de investimentos industriais e migrantes, sofre com a urbanização acelerada e o consequente impacto ambiental, especialmente aquele sofrido pela paisagem urbana cada vez mais intensamente modificada.

Todavia, pode-se, por meio da memória coletiva, ter um olhar mais abrangente dos fatos históricos da sociedade e assim recuperar os percursos dessas memórias. Por ser ligada por fortes vínculos ao espaço da antiga cidade, a memória coletiva traz à tona o processo de modificação da paisagem em um recorte temporal mais longo, além dos impactos decorrentes do desenvolvimento urbano acelerado.

Afinal, pode-se afirmar que a memória histórico-social é um registro capaz de subsidiar a compreensão de vários processos dentre os quais o de urbanização, no qual se insere a deterioração ambiental dos dias atuais. As narrativas que contemplam um recorte temporal longo elucidam como se configurava a paisagem de outrora e descortinam os processos sociais que possibilitaram a sua modificação. Os velhos cidadãos que presenciaram as mudanças na paisagem, o processo de urbanização e o crescimento econômico e cultural do município têm, na memória, uma importante contribuição à história socioambiental da cidade.

### **A memória coletiva como importante ferramenta para a análise da história da sociedade**

A importante (re)valorização dos relatos orais deu-se a partir da segunda metade do século XX, especialmente em razão da publicação de M. Halbwachs sobre memória coletiva, no ano de 1950. Décadas depois, Le Goff (1996) afirma que a evolução das sociedades na segunda metade do século XX, põe às claras a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Pois, para ele

tal memória faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento.

Nestas últimas décadas, a utilização da História Oral tem tido importante aporte teórico e metodológico por meio de publicações, encontros de especialistas e debates que dissiparam muitos dos questionamentos que recaíam sobre as supostas precariedades dos relatos orais e da fragilidade da memória, afirma Almeida Neto (2010). Ao encontro desse dizer, as recentes publicações, vindas de pesquisas das mais diversas áreas e temáticas que utilizam o aporte da História Oral (CAVALCANTI, 2009; MACHADO, 2003; ROCHA & ECKERT, 2009; SÁ et.al., 2009; SANTOS, 2003; entre outros), evidenciam a relevância e atualidade do tema e o consenso de que esses questionamentos estão superados, uma vez que outras fontes documentais são do mesmo modo sujeitas a imprecisões e limitações, pois foram igualmente produzidas em um determinado contexto histórico-social envolvendo subjetividades, pressões, crenças, interesses etc.

Neste artigo, ao buscar-se na memória dos antigos moradores da cidade o processo de mudanças pelo qual passou a paisagem, propõe-se (re)conhecer capítulos de uma história contada anteriormente, ou pesquisar as que ainda nem sequer foram contadas. Além disso, devolve-se ao velho uma das funções mais importantes já exercidas por ele e que a sociedade foi, ao longo do tempo, subestimando – o de guardião da memória de seu grupo social.

De acordo com Halbwachs (1990), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Bosi (1994) diz que a memória coletiva se processa a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Santos (2003) argumenta que na reconstrução do passado, cada relato obtido pode ser associado a um contexto social determinado, dependendo da inserção do indivíduo em seu grupo. Isto acontece porque indivíduos conservam na memória fragmentos de experiências vividas e precisam da memória do grupo a que pertencem para correlacionar e dar sentido aos diversos fragmentos que rememoram.

De tal modo, a memória de um membro do grupo conserva a de todos ao mesmo tempo em que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo todos os fatos vivenciados por eles. Por essa particular característica da memória coletiva a cidade antiga recebe a comprovação de uma testemunha, assim a lembrança passa a ser de todos, portanto, uma realidade social (BOSI 1994). As lembranças dos membros do grupo se afirmam umas nas outras, formando uma espécie de rede que sobrevive enquanto existir a memória.

A memória de um membro do grupo traz consigo elementos adquiridos ao longo da vida, que são partilhados por outros do grupo, logo, a memória individual também é coletiva. Assim, para que uma lembrança possa ser rememorada e reconhecida, é preciso que se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros (HALBWACHS, 1990). Memórias que muitas vezes transcendem as marcações políticas e econômicas, pois o grupo carrega consigo experiências passadas, tanto individuais quanto coletivas, que as marcações documentais não conseguem dar conta.

Sendo a memória essencialmente coletiva, construída e (re)construída partindo de elementos da sociedade, logo, a memória individual pode ser considerada como representativa de seu grupo social. Segundo Bosi (1994), o arrimo da memória é o grupo com o qual seus membros se identificam, tornando comum o passado de todos.

Porquanto, a memória coletiva é representativa de seu grupo social e fonte legítima de informação e reconstrução dos acontecimentos que repercutem na história da sociedade, evocando traços e questões da memória histórica ou da memória social. Por isso, realiza uma importante função social ao fazer emergir memórias guardadas ou não conhecidas, transmitindo-as pela linguagem falada e depois transcrita, concretizando uma amplitude essencial das possibilidades desse registro. Por meio da memória coletiva, a narrativa do evento pesquisado passa a conter a fala de um sujeito que o vivenciou. Essa fala carrega experiências e transformações pessoais e as leva ao seu grupo social, de uma forma que em outros métodos de pesquisa isso é impossível.

Ainda como característica de seu aspecto histórico-social, a memória é parte importante do sentimento de identidade (LE GOFF, 1996; POLLAK, 1992), quer individual, quer coletivo, na

proporção em que ela é também parte essencial do sentimento de continuidade de um indivíduo ou de um grupo em sua ligação com seu espaço e sua história.

Este sentimento de identidade característico da memória com o seu espaço e sua história é um fator a mais na relevância da utilização dos relatos orais para detectar ou descortinar os processos que propiciaram mudanças na paisagem local. Afinal, a memória dos velhos pode deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que nem se chegou a conhecer. Por meio dessas memórias podem-se compreender processos que levaram às mudanças na paisagem local. Saber escutar e valorizar essas memórias é uma maneira de transformar lembranças e experiências passadas em sabedoria, história e prazer, é dar voz à memória de um grupo que, poucas vezes, é ouvido.

### **Organização metodológica: a pesquisa com a memória**

Após a década de 1950, a História Oral ressurgiu entre as técnicas de coleta de material utilizadas nas Ciências Sociais e passou a ser denominada por muitos como a técnica por excelência. Colhida por meio de entrevistas, a História Oral registra a experiência de um ou de vários indivíduos de uma mesma sociedade, ou grupo.

Autores como Portelli (1997), Nora (1993) e Pollak (1992) enfatizam a importância dos relatos orais no estudo de fatos ocorridos na sociedade. A memória dos sujeitos que participaram de um acontecimento podem dar novas interpretações e compreensões, ou até vir a contrapor os registros obtidos através de outros métodos de investigação. Por isso, a memória dos velhos moradores da cidade vem complementar os dados tradicionais sobre a ocupação do espaço, proporcionando uma dimensão distinta dos acontecimentos já pesquisados em outras fontes, com a possibilidade de análises mais ricas.

Corroborando com a perspectiva de utilização dos relatos orais para a detecção de mudanças na paisagem, Hobsbawn (1997) entende que a característica principal da história oral é rememorar a trajetória de gente comum, não lhe conferindo somente significado político, a que na maioria das vezes está ligada; mas, valorizando também a exploração de uma dimensão desconhecida do passado até então não reconhecida. Portelli (1997) ressalta outro aspecto importante dos relatos orais que diz respeito ao conteúdo voltado à vida diária e à cultura material dos indivíduos ou grupos sociais.

A História Oral tem como a mais marcante de suas características dar a palavra a sujeitos a quem normalmente não é dada essa oportunidade. Emerge aí outra versão da história, pois traz novos significados junto à memória de seus sujeitos participantes. E isso é o que traz a História Oral, outros vieses, outras formas de se contar ou recontar fatos históricos. A fala desses sujeitos abarca uma gama de fatores que ficam submersos, que pesquisadores não alcançam quando restringem a coleta de seus dados para bibliotecas, laboratórios e arquivos. Neste caso em questão busca-se registrar experiências de um grupo, procurando registrar a convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período do tempo.

#### **A coleta dos relatos**

A memória dos velhos habitantes é a essência deste trabalho. Suas lembranças compõem um quadro pintado a várias mãos e cada uma delas carrega um traço diferente e particular da história da ocupação de três microbacias urbanas. Esse olhar que ora se debruça sobre a história pode permitir enxergar uma paisagem perdida. Paisagem que os jovens de hoje não conhecem, mas que foi capturada pelos olhares destes velhos cidadãos guardados na memória.

Os relatos aqui recortados foram colhidos no segundo semestre de 2009 (CARVALHO, 2009). Para tal, foi definido que o critério de seleção de depoentes seria ter vivido, pelo menos, os últimos 60 anos na cidade; tempo no qual transcorreu o seu mais intenso crescimento urbano-industrial.

Partindo para o trabalho de campo, lançou-se mão da técnica de depoimento, por ser a que melhor se adequava a essa pesquisa. No depoimento, a entrevista é dirigida diretamente pelo pesquisador podendo, no seu decorrer, atuar de maneira direta ou indireta, tendo sob controle o

seu objetivo. Nessa técnica, das experiências vividas pelo informante, o mais importante são os acontecimentos ligados ao objeto da pesquisa e a escolha destes é efetuada unicamente sob esse critério (QUEIROZ, 1987).

Para este artigo foram escolhidos relatos que diziam respeito a três microbacias urbanas do município de São Carlos/SP: Microbacia do Córrego do Gregório; Microbacia do Córrego do Tijuco Preto e Microbacia do Córrego do Medeiros. O critério geral para a seleção dessas três microbacias foi por serem urbanas e, por isso, passíveis de transformações ambientais ao longo do tempo, decorrentes do aumento da malha urbana. Além disso, a escolha dessas três microbacias também se deve por características particulares, quais sejam:

**Microbacia do Gregório:** primeira a ser ocupada, é densamente povoada, intensamente impactada, descaracterizada e alguns de seus bairros sofrem com constantes enchentes em razão da ocupação da área de várzea do córrego. Atualmente a área de entorno do Córrego do Gregório passa por obras de engenharia a fim de solucionar os problemas das enchentes e também por revitalização em três de suas praças.

**Microbacia do Tijuco Preto:** segunda microbacia a ser urbanizada e é densamente povoada, intensamente impactada e descaracterizada. Historicamente as águas do Córrego do Tijuco Preto sofreram com a degradação decorrente da instalação de curtumes às suas margens. O Córrego do Tijuco Preto passou recentemente por um processo de destamponamento e de revitalização.

**Microbacia do Medeiros:** das três microbacias é a mais recente a ser ocupada e não existem muitos dados sobre sua ocupação. Ao contrário das anteriores, está deixando para trás um processo intenso de degradação e passa por uma revitalização de sua área de nascente.

QUADRO 1 – Entrevistados

Nº	Nome	Microbacia Hidrográfica	Idade
01	Sr. Conrado	Do Córrego do Tijuco Preto	83 anos
02	Sr. Nicola	Do Córrego do Gregório	76 anos
03	Sr. Orlando	Do Córrego do Medeiros	70 anos

### Análise dos relatos à luz de documentos históricos

#### A ocupação da Microbacia Tijuco Preto

A Microbacia Tijuco Preto tem sua nascente localizada na região norte - nordeste, estendendo-se até a região noroeste da cidade.

A vinda definitiva de sr. Conrado para São Carlos, no ano de 1959 coincide com o momento em que o município atravessava grandes modificações no setor econômico com o fortalecimento do setor industrial, iniciado nas décadas de 1930 e 1940.

Fausto (1994) e Cano (1983) destacam que nos polos urbanos mais dinâmicos do interior do estado de São Paulo, o crescimento industrial deu-se com intensidades variadas, dependendo de sua proximidade geográfica com a capital do estado, das regiões onde cada um deles se inseria e de suas particularidades. E, de acordo com Truzzi (2000) e Devescovi (1987), a cidade de São Carlos foi um dos centros urbanos onde esses movimentos, a partir dos anos de 1940, ocorreram com uma intensidade relativamente expressiva no contexto do conjunto do território paulista.

Na ocasião em que o depoente se mudou para a cidade, o bairro Cidade Jardim, região que na época era localizada em área periférica, estava em processo de loteamento *foi a quarta casa a ser construída ali no bairro*. Almeida (2001) revela que com o crescimento industrial cada vez mais acelerado e a falta de incentivo para a população rural permanecer no campo, as décadas de 1960 e 1970 registram um expressivo crescimento da população urbana, impulsionando a construção de loteamentos periféricos a partir deste período.

Sobre o surgimento do bairro, sr. Conrado relata que *quando eu cheguei lá aquilo tudo era uma grande mata de eucalipto muito bonito, mas depois, num instantinho destruíram tudo para fazer o loteamento da Cidade Jardim e encheu de casa [...]. Antes não tinha esse monte de casa que a gente vê. No Paulistano, por exemplo, era tudo chácara que o povo plantava verdura, [...].* Neste trecho do relato fica evidente a profunda transformação que este ambiente natural sofreu com a construção do loteamento, o que vem ao encontro dos dados colhidos por outras fontes (ALMEIDA, 2001; TRUZZI, 2000; DEVESCOVI, 1987). No dizer de Almeida (2001) é a partir deste período que São Carlos passa por um crescimento rápido, desordenado e sem planejamento sob o ponto de vista de infraestrutura urbana e preservação ambiental.

Sr. Conrado relata que, em princípio o rio era utilizado para a pesca, entretanto *depois a usina começou a jogar nitrito na água aí os peixes morreram tudo! Não tem mais nada ali hoje. Sé (1992)* corrobora com essa afirmação quando diz que o lançamento de despejos domésticos e industriais tornou o aproveitamento das águas dos córregos urbanos impróprio para abastecimento humano, sem o tratamento adequado. Assim, em decorrência da urbanização acelerada e intensificação da atividade industrial, os recursos hídricos passam a sofrer o seu maior impacto.

### **Microbacia do Córrego do Gregório**

A nascente do Córrego do Gregório localiza-se na Fazenda Recanto Feliz a leste da cidade de São Carlos, em uma altitude de aproximadamente 900 metros. O Córrego do Gregório percorre a área urbana no sentido leste – oeste e atravessa a região central desaguando no Rio do Monjolinho, a poucos quilômetros do início da área rural.

As características naturais do relevo e as modificações impostas à paisagem pelo processo de urbanização, como impermeabilização do solo e ocupação da área natural de várzea do córrego, favorecem a ocorrência de enchentes gerando graves problemas econômicos aos moradores e comerciantes da região central.

Em seu relato, sr Nicola faz referências às enchentes ocorridas em São Carlos na região do Córrego do Gregório, destacando em especial uma que ocorreu na década de 50 dada a sua magnitude. [...] *aqui em São Carlos teve uma enchente muito grande, 1952, se eu não me engano, 52 ou 54; talvez foi até em 54... e o prefeito daqui era o Luizão, Luiz Augusto de Oliveira [...]. Então à meia noite ele tirou a camisa entrou dentro das casas para tentar ajudar a salvar as coisas, entende. Que o rio subiu tanto que começou a levar... Naquele tempo eu já não morava mais lá, eu morava aqui na Vila Prado. Mas a casa onde eu morava a água chegou até na porta da cozinha.* O Córrego do Gregório é o que mais contribui com as cheias devido à ocupação irregular de sua bacia, associada à ausência de condições de infraestrutura tendo como consequências graves problemas sociais, econômicos e ambientais.

O depoente ainda afirma que as águas do Córrego do Gregório sempre foram poluídas por esgoto, pois a cidade não contava com um sistema de tratamento e este resíduo era lançado diretamente no córrego, afirmação essa corroborada por relatos colhidos por Almeida (2001). Atualmente, o município conta com uma Estação de Tratamento de Esgoto e este curso de água não recebe mais carga de esgoto doméstico.

Devido a esta poluição, sr. Nicola revela que o Córrego do Gregório, na região central, não era utilizado para atividades de lazer como pesca e banho. O banho se restringia à nascente do córrego, localizada próxima à rodovia, que segundo ele *tinha uma espécie de lagoa que a água era limpa.*

A partir destas duas falas pode-se notar que o depoente percebe este local como diferente de outrora, com maior influência urbana. Durante esta parte do depoimento é possível notar um sentimento de nostalgia relacionado a esta paisagem passada, às experiências vividas neste local e às mudanças atuais.

### **Microbacia Córrego do Medeiros**

O Córrego do Medeiros tem suas nascentes localizadas na região do Bairro Boa Vista. A

região em que a maioria dessas nascentes se encontra corresponde ao Parque Veraldo Sbampato, popularmente chamado de Bicão, o qual ocupa uma área de 41.800 m<sup>2</sup>. O parque apresenta uma extensa área verde além de três quadras esportivas, pista de caminhada, um anfiteatro a céu aberto e uma área em que se localizam as instalações sanitárias e pequenas salas. É possível observar nas regiões construídas do parque, a vazão de algumas minas de água que ficaram soterradas pelas construções de concreto (CARVALHO, 2009).

No relato do sr. Orlando é possível notar uma forte ligação com a natureza, o que o levou a ajudar na construção do Bicão por meio da plantação de árvores e flores em seu tempo livre. [...] *eu construí o Bicão, tudo aquilo, plantando árvore e trabalhando lá. Trabalhei lá mais ou menos por 10 anos, mas depois parei porque ninguém não faz nada né. Tudo, o Bicão inteiro eu que plantei. Só as árvores maiores que não. Eu falei que ia deixar bonito isso aqui. É um orgulho pra mim!*

É o sentimento de identidade com o seu local (LE GOFF, 1996; POLLAK, 1992) que impulsiona sr. Orlando a realizar este trabalho cuidando de um espaço que ele considera como sendo seu também. *Eu ia lá, plantava as coisas, ia carpir, rastelar no pé das árvores, ‘bardiava’ água com o carrinho para molhar as plantas porque não chovia e ficava bonito.* A fala de sr. Orlando está repleta de significados e revela tanto um comprometimento ambiental quanto social.

O depoente também relata a ligação dos moradores da região com o Córrego do Medeiros, em que o único papel que o curso d’água tinha na vida das pessoas era o lazer, já que era comum o utilizarem para o nado em uma lagoa existente no local. Esta prática teve fim devido à morte de algumas pessoas por afogamento o que levou as autoridades a esvaziarem a lagoa de modo a evitar o banho. *Há 10 anos as crianças e pessoas iam nadar lá na lagoa, mas depois acabou. As pessoas não usavam o rio pra nada.*

Uma mudança descrita por sr. Orlando refere-se à canalização do Bicão. *Essa água era boa até pra beber, era uma água bonita, uma beleza! E acabaram com tudo aquilo lá! Canalizaram o Bicão e tá hoje assim né.* Dentro do Parque do Bicão diz Carvalho (2009) pode-se notar o extravasamento de água em alguns pontos do parque, os quais correspondem às minas que ficaram soterradas em razão das construções. O depoente menciona esta situação no trecho *A água nascia debaixo das casas.* As obras de lazer do parque foram construídas no mesmo período em que o Córrego do Medeiros foi canalizado.

No que se refere às mudanças que aconteceram no Bicão e no bairro como um todo. sr. Orlando as nota como sendo positivas, representando uma melhora na qualidade de vida *Hoje em dia tá bom, porque tá mais organizado, já estão limpando mais, estão tomando mais conhecimento [...] Aqui na Boa Vista, se tá bonito é agora, porque tá mais organizado, mais povoado né. Na minha rua mesmo, quando eu mudei ali, caiu até um poste de tanta água que corria lá.*

Quanto à modificação na paisagem natural do bairro com a expansão urbana, o depoente relata que o local era uma grande fazenda e que embora não tenha presenciado, pois quando chegou ao bairro não havia mais, ele sabia da ocorrência de muitas mangueiras. Sobre a ocupação dessa microbacia existem poucas informações, mas de acordo com Almeida (2001), foi a partir do final da década de 1970 e início de 1980 que os loteamentos periféricos cresceram em grande número no município. Esses novos bairros ocuparam microbacias hidrográficas até então não totalmente urbanizadas atingindo a região sudeste da cidade onde se localiza a Microbacia do Córrego do Medeiros.

Os dados sobre a ocupação urbana colhidos por meio dos relatos dos depoentes corroboram com os da história do processo de ocupação do município recolhidos por outras fontes e tal comprovação mostra a importância e validade da memória como fonte para o conhecimento e/ou elucidação de processos históricos e sociais. Entretanto, os dados trazidos por outras fontes tratam do processo histórico de ocupação urbana do município como um todo e não, particularmente, destas três microbacias hidrográficas, ou seja, dados que esta pesquisa procurou obter por meio de seus primeiros moradores.

As informações alcançadas por meio dos relatos dos antigos moradores destas três microbacias nos mostram particularidades que até então não eram possíveis de ser conhecidas. Particularidades

como a beleza da mata existente antes da ocupação do bairro da Cidade Jardim, ou a atitude de um ex-prefeito frente à enchente nos bairros próximos ao córrego do Gregório, ou ainda por quem foram plantadas as primeiras árvores do Bicão; dentre tantos outros fatos que estavam guardados na memória destes cidadãos que a dureza dos livros e dos números não nos pode contar.

Tais informações obtidas por meio destes relatos orais vêm ao encontro de uma das características mais importantes da História Oral que é tornar público e documentar a palavra de sujeitos a quem normalmente não é dada essa oportunidade, trazendo a tona outra versão da história com novos significados a partir da visão de seus participantes. Estas histórias de ocupação dos bairros em que vivem estes depoentes, desde as primeiras casas, são relatadas por indivíduos comuns, característica única da história oral (HOBBSAWN, 1997) e ainda contém outro aspecto importante que é a história de seu dia a dia e sua cultura (PORTELLI, 1997).

Esses relatos carregados de significados também evidenciam a estreita ligação e a identidade destes depoentes com o seu lugar e que a paisagem modificada com base na ocupação urbana permanece intocada em suas memórias, confirmando o que nos dizem autores como Bosi, 1994; Cavalcanti, 2009; Halbwachs, 1990; Machado, 2003; Rocha & Eckert, 2009 e Santos, 2003. E este sentimento de identidade, peculiar da memória com o seu local e sua história, é um dado a mais na importância dos relatos orais para se conhecer particularidades dos processos de modificação na paisagem, como afirmam Le Goff (1996) e Pollak (1992).

Por fim, foram registradas as experiências dos primeiros moradores de três microbacias hidrográficas urbanas comprovando que os velhos cidadãos têm em sua memória o processo de ocupação urbana sofrido por este espaço e nela mantém viva a paisagem de outrora. Além disso, foi registrada a convergência destes relatos com dados obtidos de outras fontes, mostrando que a História Oral pode ser fonte importante para o conhecimento de processos histórico-sociais.

### **Algumas considerações finais**

Por meio dos relatos colhidos observa-se o quanto a paisagem e a biodiversidade a eles agregada foram alterados pelo processo urbano impiedoso a que foram submetidos. Estas lembranças nos remetem a um tempo de uma paisagem muito diferente da atual. As modificações a ela impostas têm, no entender dos depoentes tanto impactos negativos quanto positivos, mas relatam importantes usos perdidos dessa paisagem, especialmente no que se referem aos cursos d'água como pesca, nado, ou apenas contemplação de suas árvores e seus animais. O mais ressaltado nestes relatos é a tristeza que sentem ao verem a paisagem modificada tão drasticamente.

Autores como Bosi (1994); Le Goff (1996); Nora (1993); Portelli (1997) dizem-nos que os relatos dos velhos cidadãos se diferenciam de outras formas de pesquisa por entrelaçar os fatos ocorridos na sociedade com as experiências vividas e refletidas. E quando se referem às mudanças na paisagem local (BOSI, 1994; HALBWACHS, 1990) relacionam esse fato com outros aspectos da vida social, outras ocorrências também importantes o que resulta num conjunto mais rico de informações. Essa particularidade, propiciada pela memória histórico-social, justifica-se por se tratar de um retrato abrangente, contendo vários olhares de uma mesma história, formados pelos sujeitos envolvidos nela.

Essa imagem é possível graças às memórias colhidas junto aos observadores e partícipes da vida na cidade. Elas têm um movimento único e retratam a realidade de forma diferenciada de outras pesquisas. São retratos vivos da história, pintados por sujeitos que realmente fizeram parte desse processo e é de suma importância a compreensão do que se perdeu com a degradação e desvalorização desse ambiente.

Ao mesmo tempo, espera-se contribuir com essa breve leitura da cidade trazendo novas dimensões às pesquisas que se debruçam sobre a problemática socioambiental, fomentando assim a ideia de trabalhos que compreendam de forma mais abrangente os atuais problemas ambientais. Porquanto, acredita-se que os relatos orais podem trazer dimensões inéditas para a história

ambiental de um dado local ou espaço. Além do mais, os relatos orais compreendem e externam a realidade de forma multidimensional, colocando novos elementos para a reflexão das outras áreas de conhecimento, para além das humanas. Os fatos e ocorrências relatados pelos depoentes vêm ao encontro das pesquisas já realizadas sobre a história de ocupação do município, como comprovam os dados históricos levantados por outras fontes (ALMEIDA, 2001; TRUZZI, 2000; FAUSTO, 1994; SÉ, 1992; DEVESCOVI, 1987; CANO, 1983). Entende-se assim que as memórias de velhos informantes contêm informações verídicas e relevantes e que podem acrescentar aos trabalhos que recorrem a outras fontes.

Ressalta-se, entretanto, que o mais relevante neste artigo é que esses fatos e ocorrências têm um significado diferente, um “algo a mais” dos colhidos por outras pesquisas. A fala desses sujeitos, tão pouco valorizada e solicitada, tem vida, colorido, movimento, detalhes. Tem emoção. Particularidades que a aridez dos números e a dureza dos livros não conseguem alcançar.

## Referências

ALMEIDA NETO, A. S. de. Dimensão utópica nas representações sobre o ensino de história: memórias de professores. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas v. 31, n. 110, p. 219-239, jan./mar. 2010.

ALMEIDA, R. C. de. *Memórias do Rio do Monjolinho: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos*. 2001. 118 f. Dissertação. Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*. Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. 2. ed. São Paulo, T. A., 1983.

CARVALHO, M. M. *Representações e conhecimento de comunidades do entorno de bacias hidrográficas em São Carlos acerca da transformação do ambiente natural*. 2009. 40 f. Monografia. Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, São Carlos, 2009.

CAVALCANTI, M. Sobre alguns usos emergentes da história oral nos Estados Unidos: o caso do furacão Katrina. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro v. 22, nº 43, p. 196-217, jan./jun. 2009.

DEVESCOVI, R. C. B. *Urbanização e Acumulação – um estudo sobre a cidade de São Carlos: Arquivo de História Contemporânea – UFSCar*, 1987.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1994.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. 2. ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda., 1990.

HOBSBAWN, E. *Sobre História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

MACHADO, H. M. F. G. Ipeúna: um lugar de muitos nomes. *Caderno CEDES*. Campinas v. 23, n. 60, p. 189-197, ago. 2003.

MOREIRA, R. O Racional e o Símbolo na Geografia. In: SANTOS, M. et. al. (Org.). *Natureza e Sociedade de Hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec, 1993.

NORA, P. Entre a Memória e História. A problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, n. 10. p. 7-28, 1993.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n 10, p. 200-215, 1992.

PORTELLI, A. O que Faz a História Oral Diferente. *Revista Projeto História*. São Paulo n. 14, p. 25-39, 1997.

QUEIROZ, M. J. F. de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo n. 39 (3), p. 272-286, 1987.

ROCHA, A. L. C. da & ECKERT, C. Memória e ritmos temporais: o pluralismo coerente da duração no interior das dinâmicas da cultura urbano-contemporânea. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 43, p. 105-124. Jan./jun. 2009.

SÁ, C. P. de et al. A memória histórica do regime militar ao longo de três gerações no Rio de Janeiro: sua estrutura representacional. *Estudos de Psicologia I*. Campinas, 26(2) I, p. 159-171, abr./jun. 2009.

SANTOS, M. S. dos. História e Memória: o caso do Ferrugem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo v. 23, n. 46, p. 271-295. 2003.

SÉ, J. A. S. *O Rio do Monjolinho e sua Bacia Hidrográfica como Integradores de Sistemas Ecológicos – um conjunto de informações para o início de um processo de pesquisas ecológicas, de educação, planejamento e gerenciamento ambientais a longo prazo*. 1992. 378 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1992.

TRUZZI, Oswaldo. *Café e Indústria – São Carlos: 1850 –1950*. 2. ed. São Carlos/SP: Arquivo de História Contemporânea – UFSCar, 2000.

Recebido em: 21 de setembro de 2010.

Aprovado em: 12 de março de 2011.